



## DEPENDÊNCIA EDUCACIONAL: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CONSERVADORISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA

Matheus Rufino Castro<sup>1</sup>  
Alice Martins de Souza<sup>2</sup>  
Anne Caroline Mendes Alves Santa Marinha<sup>3</sup>  
Isabelle dos Santos Batista<sup>4</sup>  
Maria Vitoria Duarte Chrispim<sup>5</sup>

**RESUMO:** Este estudo almeja investigar a relação entre a nossa condição educacional, em um país capitalismo dependente, e o conservadorismo que torna ganhar força em nossa sociedade. Para tanto, realizamos uma análise da realidade educacional brasileira a partir da Teoria Marxista da Dependência, além de uma revisão bibliográfica acerca dos limites, contradições e potencial do papel e das condições que a educação possui no Brasil. Com base na categoria de “dependência educacional”, entendemos que na medida que a educação deve garantir as condições de reprodução de uma estrutura social bastante desigual, miserável, cujas requisições em termos de domínio técnico-científico por parte da classe trabalhadora são mínimas, junto com a necessidade de um ostensivo controle ideológico a fim de minimizar qualquer elemento crítico/contestatório, a educação torna-se instrumento fundamental da difusão do ideário conservador da burguesia brasileira, e a sua solução passa necessariamente por uma ruptura com o próprio capitalismo, rumo ao socialismo.

**Palavras-Chaves:** Dependência educacional; Conservadorismo; Capitalismo Dependente.

### INTRODUÇÃO

Debater o conservadorismo em nossa sociedade, sobretudo na educação, tem sido um grande desafio para a classe trabalhadora e seus setores organizados em nosso país. O conservadorismo não pode ser definido como um bloco, uma concepção de mundo monolítica, mas diversa, contraditória, embora assentada em um elemento bastante explícito: o desejo de manutenção do *status quo*. Por mais que seja bastante sedutor enquadrar o conservadorismo como se fosse uma escolha subjetiva individual em uma lógica maniqueísta da “luta do bem contra o mal”, é fundamental compreender que se trata de um fenômeno social com bases objetivas, cujas raízes localizam-se na ordem social, inclusive na educação (CASTRO, 2019).

Analisar, então, o conservadorismo no Brasil demanda ir além dos aspectos mais abrangentes da ordem do capital. Para tanto, a fim de compreendermos a realidade brasileira, a objetividade brasileira que está na base da produção dessa subjetividade conservadora, partimos da Teoria

<sup>1</sup> Doutor em Educação/UERJ. Professor de Educação Física do Colégio Pedro II. Coordenador do Núcleo de Estudos em Educação e Realidade Brasileira (NEEREBRA-CPII). E-mail: matheusefufjrj@hotmail.com.

<sup>2</sup> Estudante do Colégio Pedro II. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Educação e Realidade Brasileira (NEEREBRA-CPII). Bolsista de Extensão PROPGPEC/CPII. E-mail: alicems2006@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do Colégio Pedro II. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Educação e Realidade Brasileira (NEEREBRA-CPII). Bolsista de Iniciação Científica PROPGPEC/CPII. E-mail: carolmarinha3@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante do Colégio Pedro II. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Educação e Realidade Brasileira (NEEREBRA-CPII). Bolsista de Iniciação Científica PROPGPEC/CPII. E-mail: bellebatista501@gmail.com

<sup>5</sup> Estudante do Colégio Pedro II. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Educação e Realidade Brasileira (NEEREBRA-CPII). Bolsista de Iniciação Científica PROPGPEC/CPII. E-mail: mvtoriaduarte3@hotmail.com



Marxista da Dependência (CARCANHOLO, 2013). Em síntese, a nossa condição de capitalismo dependente faz com que nossa estrutura socioeconômica seja ainda mais regressiva que a estrutura capitalista dos países imperialistas: relativamente menos direitos sociais, trabalhistas, políticos; mais desigualdades sociais; condições de vida mais precárias; por fim, uma educação escolar com menos possibilidades e recursos (MARINI, 2012).

Se entendemos que a educação, por mais que possua uma autonomia relativa com contradições e espaços de luta de classes, é uma forma social da estrutura capitalista (ALTHUSSER, 1969), e, como tal, atua enquanto instituição, em última instância, para a reprodução das relações sociais de produção, é necessário investigar quais relações são essas. Nesse sentido, partindo das relações sociais de produção de um país periférico, de capitalismo dependente, chegamos à categoria de dependência educacional como chave de análise.

[...] podemos caracterizar a situação de “dependência educacional” da seguinte forma: expropriar da classe trabalhadora o direito ao acesso de conhecimentos científicos basilares em decorrência da condição de dependência; atuação educacional voltada principalmente para a construção de comportamentos e coerção de qualquer possibilidade de crítica por parte dos trabalhadores, utilizando-se da educação escolar como instrumento de contrarrevolução preventiva (CASTRO & OLIVEIRA, 2022, p. 06).

A partir do exposto, definimos como objetivo deste nosso estudo compreender de que maneira se relacionam a nossa condição de capitalismo dependente, e, conseqüentemente de dependência educacional, e a constituição de uma subjetividade conservadora.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa em andamento é decorrente do Projeto de Pesquisa: "O marxismo como chave de análise e combate do “Novo” Ensino Médio: a necessária crítica do projeto de extermínio do futuro da juventude brasileira", que se desdobra em Projeto de Iniciação Científica Júnior e também de Extensão.

Nos encontramos na fase de consolidação de nossa pesquisa, com o amadurecimento e refino teórico a fim de garantir uma análise aprofundada dos dados. Temos por método o materialismo histórico e dialético, e, a partir dele, da Teoria Marxista da Dependência, a fim de explicar as relações educação-sociedade, a partir de uma análise da estrutura socioeconômica brasileira, enquanto uma totalidade sobredeterminada por outras totalidade, assim como da nossa educação.

No caso deste estudo em específico, construímos um ensaio a partir da revisão bibliográfica de autores do campo marxista que abordam a situação brasileira e os seus aspectos educacionais, junto



de um aprofundamento ancorado na noção de capitalismo dependente. Sendo assim, localizamos este estudo no campo da Educação, em sua relação com a história e a particularidade brasileira.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fato de o Brasil se inserir na ordem capitalista internacional de modo dependente engendra uma série de consequências, em termos de sua estrutura socioeconômica, que são determinantes objetivos da condição e do ser de classe dos indivíduos. O cerne da condição dependente está no fato de que a burguesia brasileira vê ser absorvida pela burguesia imperialista parte significativa do mais-valor que explora da força de trabalho no Brasil, o que, junto com uma relação extremamente desvantajosa em termos da Divisão Internacional do Trabalho (uma produção local destinada quase que exclusivamente voltada ao abastecimento de matérias-primas para o centro do capital, ou etapas inferiores da produção industrial), resulta na necessidade de compensar essas perdas por meio da superexploração do trabalho no Brasil (MARINI, 2012). Logo, não há necessidade nem possibilidades objetivas de existência de um desenvolvimento soberano de recursos técnicos-científicos, o que repercute nas necessidades educacionais da classe trabalhadora.

Com a agudização da exploração do trabalho - superexploração do trabalho - (aumento das jornadas, aumento da intensidade e rebaixamento salarial), funda-se uma ordem social ainda mais instável diante do grau de miséria e potencial revolta da classe trabalhadora, diante das menores margens econômicas, e, por conseguinte, políticas de concessão de direitos, benefícios que o capitalismo possui na periferia. Diante desse cenário, o conservadorismo é ainda mais central para a dominação de classes, pois, possibilita a manutenção de um arranjo de exploração de classes ainda mais intenso.

O conservadorismo é assentado em uma perspectiva que coloca as mudanças sociais não somente como impossíveis, mas como indesejáveis. Seus pilares são múltiplos, mas destacamos o irracionalismo. Ele é um componente fundamental do conservadorismo burguês, pois, ajuda a dar coesão e sentido à vida dentro de uma ordem capitalista em crise, apesar das promessas ideológicas veiculadas cotidianamente de liberdade, meritocracia, que, por sua vez, são desmentidas pela própria concretude da vida, o que explica, por exemplo, a centralidade da religião ao prometer para uma “vida futura” a felicidade impossível de se obter no presente.

Diante disso, da impossibilidade de se estabelecer uma ligação racional entre as promessas ideológicas sistêmicas e a realidade concreta, de sua inconciliabilidade, o irracionalismo se torna um elemento fundamental de manutenção da ordem do capital, a ideia de uma transcendência diante da impossibilidade de compreender as reais causas de suas mazelas, até mesmo com a promessa de uma “melhor vida futura”, [...] faz com que não apenas os



sujeitos consigam se acomodar diante de condições precárias, como passem a defender essa ordem societária e aqueles que buscam mudar essa realidade (militantes de esquerda), se tornem obstáculos de sua salvação, devendo ser combatidos (CASTRO, 2019, p. 306).

Torna-se determinante para a própria sobrevivência do capitalismo em termos de crise, ainda mais em um capitalismo dependente, o fortalecimento do irracionalismo e a restrição de espaços que poderiam gerar um mínimo contraponto a ele, como: elementos que propiciem uma reflexão minimamente crítica ou mesmo conhecimentos de ordem científica da realidade.

Se a formação da classe trabalhadora já tende a prescindir de conhecimentos técnicos e científicos mais aprofundados em virtude do nosso próprio arranjo produtivo, torna-se necessário que a mesma educação tenha um forte componente de controle da classe trabalhadora em termos de valores, atitudes e princípios a fim de garantir a coesão social precária de um capitalismo dependente. Essas tendências conservadoras foram acomodadas na educação brasileira ao longo de nossa história, embora com lutas fundamentais por parte da classe trabalhadora. Seja a introdução do ensino religioso nas escolas, a disciplina de moral e cívica durante a Ditadura Militar (CUNHA, s.d.), seja mais recentemente a introdução de Projeto de Vida (CASTRO & OLIVEIRA, 2022), a essência é a mesma: garantir a formação subjetiva da classe trabalhadora em prol das demandas do capitalismo dependente (CASTRO, 2019).

Ademais, a reprodução do *status quo* inclui, por sua vez, o conjunto de relações estruturantes de nossa sociedade. Se vivemos em uma sociedade racista, machista, lgbt+fóbica, por óbvio, o esvaziamento da criticidade a partir da difusão de perspectivas irracionais, e preconceituosas na melhor acepção do termo, isto é, opiniões obtidas antes do conceito, antes da compreensão científica da realidade, redundam em reforço de toda essa sorte de concepções discriminatórias, que estão na base da constituição da nossa classe trabalhadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, apontamos que, enquanto perseverarem as relações próprias de capitalismo dependente, e, conseqüentemente, do próprio capitalismo, não será possível romper com os quadrantes do capital em termos de uma sociabilidade regressiva e preconceituosa. Somente a transição para o socialismo indica para nós caminhos que tornará possível uma vida humanizada e digna para todas as pessoas com toda a diversidade possível. Conclui-se por fim que, para sairmos dessa matrix de exploração e desumanização da classe trabalhadora, seria necessário começar uma mudança na educação. Pois, assim como a água é essencial à vida, senso crítico, ciências da natureza



e humanas, artes, música, e todo tipo de conhecimento, formal ou incidental, passado de pessoa para pessoa são essenciais à humanidade.

No caso brasileiro, é somente rompendo com o capitalismo que poderemos ter a educação deve ser tratada com prioridade, com grandes investimentos em infraestrutura, melhoria de escolas e capacitação adequada, de modo, que possibilite o desenvolvimento do senso crítico e a evolução de estudantes e da ciência, para assim, não criar "robôs" trabalhadores que apenas produzem matéria-prima e disponibilizam força de trabalho sem questionar pelos seus direitos.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Trad. RAMOS, Joaquim José de Moura. Lisboa: Editorial Presença, 1969.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. O atual resgate crítico da teoria da dependência. **Revista Trabalho, Educação, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, p. 191-205, jan./abr. 2013.

CASTRO, Matheus Rufino. Capitalismo dependente, conservadorismo e educação: uma análise dos ataques reacionários à educação brasileira. **Trabalho Necessário**. v.17, nº 33, p. 298-320 mai./ago. 2019.

CASTRO, Matheus Rufino; OLIVEIRA, Isabela Felipe de. “Mudar para que tudo fique como está”: a reforma do ensino médio e o aprofundamento da dependência educacional no Brasil. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v.14, n.1, p.309-330, abr. 2022.

CUNHA, Luiz Antônio. O projeto reacionário de educação. s.d. Disponível em: <http://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/independente/1-EduReacionaria.pdf>. Acesso em: 24/09/2018.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e revolução**. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2012.